

ESTE LAGO NÃO EXISTE

Vítor Burity da Silva

Com requintados passos palacianos, a noite encobre-se durante a madrugada, saboreando na boca a cor doce das lágrimas.

Repleto, e tanto faz. Que importa. Que se desfaleça, ou que seja o óbvio sumo das margens várias do silêncio.

Moramos apenas de tempos em tempos nesta clara situação. E, flatulento, o céu. O prolongar das nossas insígnias repletas num peito aberto. Fechado como augúrios perplexos do seu auto-eu. Mergulhe-se na intemporalidade. Mais que as palavras, como se sente no próprio acaso do ocaso destas sombras, as sombras do pensamento percorrem alguns metros de chão perdido no vazio das vidas. Há certamente vida. Ou inconcreta verdade sobre o que é vida, bafejando-se, breve como sempre, as coisas da vida.

Refastelemos aqui o coração abraçando-nos às baratas que já não voam. Saboroso salgado e perdido interesse,

como que vontade rejeitada que se afasta das próprias iras. Que se abandonam as próprias, nervosos e conscientes abismos. Estas ruas devassam a vida.

Refastela-te então em mim. Sou o que nunca incomodarei. O que nunca existiu. Ou apenas pensamento de mim, circunscrito nas pedras velhas que a imaginação bonita constrói, que um dia a beleza de alguém invente também. Como quando me trazes no teu colo. E bebo a água do teu colo, água maternal de um amor quase real. Pareces mãe amando a verdade. Por isso me inventas com alguma verdade absolutamente obstipada e sem que se conspurquem os meus braços. Calo-me, colo-me a esta estrada que me levará garantidamente até ti. Onde quer que estejas. Que podias ser como uma coisa mais minha – talvez sejas. Não mais que amantes, o quanto baste dos momentos, isso.

Imagina o requinte deste lago de todos. A falésia que inventamos sobre ele. O escorrido tempo que desliza sobre a sua maresia, que sobrevoa, quase parecendo possui-lo, seu. Gosto ainda mais do barco vermelho quase tombado a seu lado, onde as estrelas descansam calmamente e repousadas. Como se no divã que além existe, na real e ausente espuma buscando-se a si mesma, como vertigem nesta falésia do lago. Este caso terá sempre a mesma, cor. A que lhe inventarmos a cada momento que nos apeteça. Porque não existe lago nenhum. Nem outro parecido que seja.

Qualquer noite e qualquer lugar. Que possua em si a imagem que invento. Qualquer água que seja, esbracejando-se noite fora. Nas insígnias da tua voz. Que me abrace também a qualquer hora. De tão real, abraço a realidade do lago que, garanto, inventei. Que não seja isso a incomodar-te a paz. Se for, já não há remédio, o lago está inventado e pronto, carrega com ele agora e, mesmo que sigas até casa, talvez o possas guardar nas memórias dos armários mesmo velhos, isso não irá nunca incomodar, desde que, de vez em quando, lá vás, nem que seja tocá-los com um olhar ligeiramente afastado, ou para não incomodares a tranquilidade dos olhos que me inventem todas as manhãs, quando pensares que um dia da tua vida foi passado junto a um lago que nem sequer existe.

Ao longe bancos sentados num nada contigo, enquanto tu sentias o vazio da distância colocada entre cada tábua da sua essência. A pele mórbida passou. Ficou a ideia. Há flores ainda. Que se construam. Que pena estar eu ainda longe. Ou que me sintas. Talvez acredite nas palavras levadas pelo vento que me chegam daí. Levadas daí para cá, como se eu estivesse além de ti.

Mas não, não estou. Nem além nem coisa nenhuma. Coisa qualquer. Qualquer momento. Ideias sim, as que penso, as que talvez construam os vagares apalpados num breve pressentimento que nunca acontecerá, como verdade a sério, das tuas palavras que viajam quase noites a fio.

Acredito nos mergulhos que consegues. Auguras-me sim, talvez consigas furtar-te das palavras mansas, mesmo que relutantes.

Deflagras-te. Pelo que sinto. Quanto ao lago imaginado ainda existir, que relação possível entre as marés funestas das mesmas noites onde consigas dormir corpos teus enroscados aos lençóis que me transpiram? Sabes onde existo e, quanto ao que sou, mergulha lagos da noite em tua casa, onde possas explorar com liberdade os movimentos dos teus mesmos encantos, os que te deliciarem, os que puderes construir, ou, então, espera pela manhã dos outros dias, quem sabe um lago cheio de beijos e água mercantil te tragam à saudade da juventude que se perdeu, que importante terá sido, os beijos secaram, que pena, mas ficou o vazio, esse, que se encherá sempre que o colocares acima de tudo, e noites terás sempre, chorando nas almofadas do passado com pedaços ainda do que fizéramos antes, ou nunca nada se tenha conseguido entre nós, a não ser estar naquele lago que nunca existiu e onde nós, só nós, tivemos o privilégio de desfrutar os resquícios de um desejo sonhado, momentos antes de adormecermos. Por isso peço. Dorme. Se puderes fazê-lo.

Não gosto de te ver com aquele chapéu. Problema meu? Tanto faz. Mas porque insistes então, porque manténs os hábitos, não me digas que o que digo é

secundário, sei que é, que importa, mas, bolas, digo que daquele chapéu não gosto. São momentos.

A vida preenchida assim, os vazios ocupam-nos, somos quase sempre levados num trivial tanto faz, de que já nada nos incomoda. Mas não quero voltar a ver-te de chapéu como no outro dia.

De novo o lago. Abrangente. De novo o cargo de que instantes antes pensara em ti. Por causa do lago. Ou culpa de nada. Mas do lago onde te penso. Porque, lá, existes e o lago não.

Quem serás então num lago que não existe? Um lago que existe. Serás lago também? Mas de chapéu... não me lembro de em vida ter visto algo semelhante.

Disse em vida, mas vivo ainda, calma, sei também que, um dia, sim, deixo de existir, e, aí, podes colorir as campas da fantasia com beijos e com um sem-número de flores a imagem de quem dissera ser contigo as horas de imensas horas no lago. Foi lá que nos amámos, caramba, ou vais perder essa recordação?

Habitua-te ao frenético. As inconstâncias das nossas vontades, ora sim ora não, são próprias dos pecúlios e ocasos vertentes de cada dia mal passado, ou, então, mal recordado. Somos variantes. Somos assim. Eu não sei se sou, sei que és afinal isso, e gosto, indiferentemente de que tudo isso possa prejudicar o que pretendo. Sugar o sal solto da noite desse lago que não existe.

Que me importa se não estás ou se um dia cá vieres. Vem então como quem vai demolir as margens, mas só tu, rio antigo, desvendarás o silêncio que aqui está, entre a marca que a noite deixará. Serás uma alquimia... sei que sim, que me importa. Que me importa a fantasia deste rio ou deste lago se a água é a verdade que mergulha a madrugada, certamente certo emprego aniquilado, que me entende certamente a solidão que invento ter... sei que sim...

Por isso exactamente, exactamente por agora ou mesmo em hora outra, rio, desconcertado, rio, apenas a voz antiga, ri também, ri, faz de mim a cadência entre as águas do futuro, ser outro rio, lago afim, faz comigo simetria, aritmética, fantasia e, se colorires a madrugada, então serei, serei a poesia que albergara outros tempos de quem vira como tu aqui distante, aqui ausente, ou constante, bebendo eu de ti, um outro tempo, um tempo apenas, um futuro imaginado numas escritas sem papel, sem riscos se te sonho, neste lago, noutra lago, ou que viva a maresia dos instantes congelados dos beijos, dos beijos sim, a tua orla agrimensada num poema de Chabel, ou poema de Chantal, um poema de antigamente, nesta rua onde amei, onde um dia inventei, onde pensei estar, se foi, se fosse, se estivesse, aí sim, se estivesse certamente com os peitos desventrados, aí, ai aí sim, desventrados os instantes como cartas de papel, escreverei como qualquer coisa, como outra coisa, coisa nenhuma, tantas coisas, não

escrevo mais sobre a amada, um dia as lágrimas que secaram secarão, como eu, a vontade de me encontrar em ti, sem que existas, sem que queiras, sem que penses, sem que te invente, mas vem, por favor, vem, vem refutar a noite fria numa noite enamorada, com os lagos que inventei existir de madrugada, os lábios fúteis do amanhã que se rebolam em tuas mãos, outros instantes sim, mesmo que mentirosos, mas que sejam verdadeiros. Como os astros adormecem, não sei, sei que quero certamente nem que seja por instantes acreditar na madrugada adormecida em tuas mãos, em tuas mãos, tuas mãos, as tuas mãos, quero mesmo assim, nem que nunca vivam como eu, como tu, como ninguém arma, que será? És no fundo o mesmo meu destino amanhecido num poema que finte um dia aqui, ao escrevê-lo nas páginas da tua voz que se colam ao meu sono, porque aí, aí sim, consigo sonhar-te como arma ancorada à manhã que amei, os teus beijos sugados com água do lago que inventei... vem!

Não existir que importará... que exista o lago então. O lago do fantástico, do abominável, fantasma. Que sejas como fui entre as águas que secaram, o lago aqui ainda, aqui está, com os braços estendidos ao poema que escreveres, que destines, que marques, num papel ou pastelaria ambulante, ah... será que há? Nunca ouvi... bem, mas sigamos, siga, segues, escrevamos sobre as palmas encarnadas

de um amor entre amigos, que se preservam, que se conservam, que se estimem então... somos amigos acreditarás, sei, sou assim.

São indecifráveis. Intencionalmente tantas coisas. Coisas sempre comuns, acredita.

Vastos e vagos, os intencionais actos de cada um, de todos nós, uns mais que outros, outros nem tanto, outros mais ainda, que importa? Que incomoda? Que interessa? Deves seguir sem que sejas pelos outros, como os outros, ainda que sejas outra coisa que não tu, porque, se o fores, não me importa porque o sejas... sou assim também.

Sabes quem foi Malena? Sabes? Não faz mal, nem eu, ninguém sabe. Na vida ninguém conhece a tal Malena que existiu um dia raro por essa Europa inventada pelos escritos revoltados de alguém como eu, que não quis ser realidade, verdade, tanto faz, tanto sei, nada, foi quem foi e foi ninguém porque alguém assim o quis, não valia inventar a verdade de alguém que valeu, apenas porque disse um dia que o amor não era acaso, mas mentira voluntária dos amantes numa guerra que, chorando-se, se desmentiam... sei quem foi, sei, acredita, mas nunca a vi nem ouvi. Li algures pela madrugada.

Há qualquer banco vazio em qualquer lugar. Um lugar que existe, e aí, sim, vazio por nele nada mais que ele próprio só estar ainda, quanto tempo não sei, mas que está, e por estar, notei. O banco vazio tem certamente cor.